

Sobre o ceticismo moderado de Mersenne, Gassendi e Hume

*Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann**

Resumo: Ultimamente bastante atenção vem sendo dispensada ao estudo do ceticismo moderado na modernidade. O famoso historiador da filosofia Richard Popkin, em sua *História do Ceticismo de Erasmo a Espinosa*, cunhou a denominação de ceticismo epistemológico para qualificar os membros desta corrente e nela inseriu os filósofos setecentistas Gassendi e Mersenne, considerando-os seus principais representantes. Além disso, no século XVIII temos o denominado ceticismo mitigado de Hume, que chamou a atenção dos filósofos modernos para definir os limites do ceticismo. Este artigo procura contribuir para o estudo do ceticismo moderado na modernidade, mostrando não só que Hume, Mersenne e Gassendi podem fazer parte do assim chamado ceticismo epistemológico ou mitigado, mas também que há certos elementos comuns em suas filosofias destinados a mitigar os argumentos dos céticos de seu tempo.

Palavras-chave: Ceticismo Moderado, Gassendi, Hume, Mersenne, Popkin

Abstract: Ultimately a great deal of attention has been placed on studying moderated skepticism in modern times. The famous historian philosopher, Richard Popkin, in his work *The History of Scepticism from Erasmus to Spinoza*, coined the name epistemological skepticism to qualify members from this philosophical vein and added from the years of the seventeen-hundred philosophers Gassendi and Mersenne who were considered as its main representatives. Moreover, in the XVIII century there is mitigated skepticism as named by Hume who made modern philosophers pay attention to define the limits of skepticism. The purpose of this article is to contribute to the study of skepticism in modern times, showing not only that Hume, Mersenne and Gassendi can be part of the so-called epistemological or mitigated skepticism, but there are also some certain common elements in their philosophies destined to mitigate the skeptic arguments from their time period

Keywords: Gassendi, Hume, Mersenne, Moderate Scepticism, Popkin

* Doutorando da USP, bolsista da Fapesp. *E-mail:* flaviozim@yahoo.com.br. Artigo recebido em 25.02.2009, aprovado em 30.06.2009.

Marin Mersenne (1588-1648) foi um filósofo, teólogo, matemático e músico muito influente em seu tempo. Formou um amplo círculo de amizade entre os grandes pensadores da época e mantinha correspondência com Descartes, Gassendi, Hobbes, Etienne Pascal, La Mothe Le Vayer, entre outros. Embora mais conhecido pelas suas controvérsias com Descartes, Mersenne escreveu várias obras tratando de temas relevantes de seu tempo. No plano filosófico, apresentou-se como crítico do ceticismo pirrônico, especialmente no primeiro livro da “Verdade das ciências contra os cétricos ou pirrônicos” (*La vérité des sciences contre les septiques ou Pyrrhoniens*), publicado em 1625.

Pierre Gassendi (1592-1655) era teólogo, cientista experimental, filósofo de grande erudição e também crítico do sistema cartesiano. Antes do aparecimento das principais obras de Descartes, porém, mais precisamente o “Discurso do Método” (1637) e as “Meditações Metafísicas” (1641), Gassendi já havia publicado em 1624 o primeiro livro das “Dissertações em forma de paradoxos contra os aristotélicos” (*Dissertations en forme de paradoxes contre les aristotéliens*), destinado a atacar os escolásticos. As outras seis partes de suas críticas à filosofia aristotélica, ou, como diz o autor, das críticas antes aos aristotélicos do que ao próprio Aristóteles (1959, Prefácio, p. 12), acabaram não saindo. Apenas o segundo livro foi conhecido postumamente em 1658, apresentado por um dos seus discípulos, Samuel Sorbière¹. Este livro, além do “Compêndio Filosófico” (*Syntagma Philosophicum*), é o mais importante para o estudo do ceticismo em Gassendi.

O presente estudo faz uma análise da crítica gassendiana ao conhecimento humano, bem como das respostas ao cétrico pirrônico contidas no *Syntagma Philosophicum* e em *La vérité des sciences* de Mersenne, promovendo em seguida uma comparação com as críticas de David Hume (1711-1776), também adversário do ceticismo pirrônico. Finalmente, avalia o ceticismo resultante das teorias dos dois primeiros filósofos e apresenta as suas semelhanças com “Um Tratado da Natureza Humana” (*A Treatise of*

¹ Além de Sorbière, muitos foram influenciados pelo ceticismo e empirismo de Gassendi. Entre outros, estão Guy Patin, François Bernier, o teatrólogo Molière e os escritores Saint-Évremond e Cyrano de Bergerac.

Human Nature) e “Uma Investigação sobre o Entendimento Humano” (*An Enquiry Concerning Human Understanding*) de Hume.

O diálogo exposto em *La vérité* de Mersenne envolve três personagens: o cético, o alquimista e o filósofo cristão. Segundo Popkin, Mersenne se apresenta por meio do filósofo cristão, que limita tanto as opiniões do cético quanto as do alquimista aos seus próprios domínios (2000, p. 214-5). Mas Bernard Joly observa que a posição de Mersenne está representada entre os diferentes personagens, ora refutando, ora aprovando os paradoxos céticos².

A meta de Mersenne contra os ímpios, libertinos, ignorantes e céticos é muito clara na segunda página do prefácio de *La vérité*: “[...] eu intentei escrever este livro para remediar este mal ou, ao menos, para encorajar alguns a escrever mais sobre este assunto e para impedir o curso impetuoso do pirronismo, do qual vários se servem atualmente para desacreditar na verdade [...]”. Mas se Mersenne atingiu seu objetivo é matéria de controvérsia. Joly entende que não. Seria sua meta atacar apenas o ímpio? Mas, como observa Joly, o adversário principal de Mersenne nos diálogos se diz católico³ (1625, p. 66)! Popkin caracteriza a posição do autor de cético teórico ou epistemológico, muito próximo da concepção positivista ou pragmática, uma vez que sua ciência mostra-se verificável e útil, longe das preocupações metafísicas (2000, p. 213, 221 e 226). Se este tipo de ceticismo pode ser atribuído a Mersenne, poderá de certa maneira caracterizar o de Gassendi e de Hume. Mas antes vamos nos ocupar das objeções céticas do jovem Gassendi e das respostas de Mersenne, para então analisar a posição gassendiana mais bem formulada no *Syntagma*, assim como a posição humeana sobre este assunto.

Gassendi parece ter uma melhor aceitação do pirronismo do que Mersenne⁴. Nas *Dissertations*, embora não da mesma forma no *Syntagma*,

² No artigo “La figure du sceptique dans la vérité des sciences” (Moreau 2001, p. 257-76).

³ Talvez representando o cético e, possivelmente, católico La Mothe Le Vayer, amigo de Mersenne ou Pierre Charron, que ele já havia atacado na obra “A impiedade dos deístas, ateus e libertinos”, no ano anterior. Outras possibilidades seriam Montaigne, Francisco Sanches, cuja obra “Que nada se sabe” ele tinha conhecimento ou, injustamente, o próprio Gassendi das *Dissertations*.

⁴ Em uma carta a Mersenne datada em 04/02/1629, Gassendi diz que, embora ele soubesse que a sua postura “quase pirrônica” perturbava Mersenne, seria lícito

apresentou-se como partidário da suspensão de juízo de Sexto Empírico e dos acadêmicos. No livro II, Dissertação VI, a fim de aumentar a discussão com a filosofia aristotélica, não só as provas dos céticos contra a confiança nos sentidos e na razão são apresentadas, como também as possíveis objeções e respostas a elas. Embora Gassendi tenha aceitado o adágio aristotélico de que “não há nada no entendimento que não tenha passado antes pelos sentidos”, e que é sempre preciso apelar ao juízo dos sentidos para resolver qualquer questão que possa comportar alguma falsidade, é duvidoso que as coisas se apresentem a nós como são em si mesmas (1959, p. 388, 436). Consultando o próprio Aristóteles, Gassendi lembra do famoso exemplo da torre, que tem o formato superior quadrado mas parece redondo quando visto de longe, e do bastão, que quando parcialmente mergulhado na água, parece quebrado à nossa visão. Nesta obra, Gassendi descarta a possibilidade levantada por Aristóteles de que outro órgão dos sentidos possa corrigir o da visão, pois cada um age em sua própria esfera de percepção e não há um que possa atuar como juiz para se pronunciar sobre fatos opostos. Nem a imaginação nem o raciocínio poderiam resolver a controvérsia, já que ambos retiram toda sua informação da experiência e se não se reportarem continuamente a ela, correm o risco de falsificar, antes do que retificar, os sentidos externos ou mesmo cair em ilusões⁵ (1959, p. 390).

Mersenne, quando trata dos casos da torre e do bastão na água na voz do filósofo cristão, oferece uma resposta semelhante à aristotélica, mas um pouco mais satisfatória. Sempre que objetos parecerem diferentes conforme a sua distância ou o meio em que se encontram, poderemos conhecer o seu verdadeiro formato de alguma forma, aplicando uma regra ou instrumento para o caso em questão. Embora os olhos possam se enganar quando julgarem que o bastão na água não seja reto, a razão faz a devida correção, utilizando-se das regras da dióptrica (1625, p. 147 e 222). Argumentos semelhantes são apresentados contra casos semelhantes. O estudo da ótica também pode ser conveniente para entendermos por que

ambos reconhecer que não se deve afirmar nada dogmaticamente, senão na base da mera probabilidade (*apud* Popkin 2000, p. 223).

⁵ De acordo com B. Rochot, editor das *Dissertations*, Gassendi se põe aqui no terreno do adversário para descartar a objeção, já que mais tarde no *Syntagma* aceitará a razão como critério válido para correção dos sentidos (1959, p. 391).

algumas cores se parecem diferenciadas a nós conforme o meio externo em que se apresentam (1625, p. 148).

Outro caso lembrado pelos dois autores e extraído da obra *Hipotiposes Pirrônicas* de Sexto Empírico, o principal propagador do ceticismo clássico, para servir de prova contra a confiança cega nos nossos sentidos é o da pintura no quadro, que parece plana ao tato e em relevo para os olhos. Para refutar essa crítica, o filósofo de Mersenne ressalta que sabemos que não deve ser o ouvido nem a mão que poderão nos indicar as partes profundas do quadro, mas somente os olhos. Ora, não é próprio do ouvido ver cores nem dos olhos ouvir sons e se sabemos isso, é certo que sabemos algo (1625, p. 142).

Embora tenha evitado emitir qualquer juízo sobre a verdadeira natureza da pintura, a resposta nega a suspensão total do juízo. Gassendi, por outro lado, embora pareça não contradizer totalmente a resposta de Mersenne, contra-ataca afirmando que, se o tato reconhece o que lhe é próprio e a visão procede da mesma maneira, o tato reconhece que o quadro é plano e não se engana, assim como a visão reconhece o mesmo quadro com a imagem aprofundada e também não se engana (1959, p. 480). Neste caso, o argumento mais forte encontra-se temporariamente nas mãos do cético, até que o próprio Gassendi, anos mais tarde no *Syntagma*, elabore uma solução mais condizente com o seu ceticismo moderado.

Outra questão tratada pelos autores diz respeito à natureza do vinho. Gassendi recorda que o vinho, geralmente considerado doce, parece amargo a um homem com febre ou que nunca tenha provado a bebida anteriormente. Teria ele mudado sua qualidade própria de ser doce? Certamente não, mas é evidente que o gosto da bebida é sempre próprio ao homem. Devemos portanto nos perguntar: a qual homem seria? Ainda que concedamos que exista um homem de temperamento ideal, se ele beber o vinho após comer figo ou tâmara, vai considerar o vinho ácido, se beber após comer nozes, ocorre o inverso (1959, p. 460, 472). Como poderemos avaliar a constituição natural do vinho? Eis mais um desafio cético colocado pelo primeiro Gassendi. Mersenne observa que, se o vinho nos agrada quando tomado moderadamente e faz mal em excesso, não é à natureza do vinho que devemos atribuir a variação, mas à disposição daquele que bebe ou devemos compreender que o vinho em grande quantidade tem mais

força do que em menos quantidade (1625, p. 150). Mais uma vez Mersenne não se pronuncia sobre a natureza do vinho, questão crucial para o cético, mas concede que, se admitirmos os efeitos que ele produz em nós, devemos atribuir a causa à nós mesmos e não à bebida.

Mas não podemos tomar apenas o juízo do homem para avaliar a natureza das coisas. Gassendi nota que, devido a temperamentos e compleições físicas tão diferentes, não é possível pensar que os animais não julguem os objetos externos de forma diferenciada. Alguns bichos têm a língua úmida, outros áspera. Como crer que sentem o mesmo sabor quando compartilham o mesmo alimento? E se analisarmos os demais órgãos do animais encontraremos pele aveludada, pupila oblíqua, orelhas estreitas, cavidade nasal com líquido abundante e muitas outras especificidades diversas (1959, p. 442-4). Como crer que sentem o mesmo toque, percebem a mesma imagem, o mesmo som e o mesmo cheiro?

Mersenne não se espanta com essa objeção e resolve o problema apenas indicando que, se não devemos proferir que tais sensações são semelhantes a todos os seres que percebem, podemos ao menos saber que elas parecem a mesma aos seres de mesma constituição física (1625, p. 135). Além disso, não importa a nós se os bichos percebem as coisas de outra maneira, pois não entendemos seus modos de se expressar, assim como eles não compreendem o que dizemos (1625, p. 20). Para Mersenne, é suficiente para nós conhecer as coisas do modo como nos são apresentadas.

Quando levanta objeções contra o modo ideal de se viver em sociedade, tendo em vista as numerosas leis e costumes espalhados pelo mundo, Mersenne procede com o mesmo discurso: “[...] se somos estimados como tolos pelos bárbaros, isso pouco nos importa, pois, pelo contrário, estamos certos em defender nossos costumes de vida, temos a lei natural e a divina, que nos guia com relação a tudo o que se refere à nossa salvação [...]” (1625, p. 21).

A objeção de Gassendi contra as verdades da moralidade encontra-se principalmente no livro II, Dissertação VI, art. 4, mas o padre católico isenta os hábitos e leis da religião desta espécie de dúvida, enquanto Mersenne insiste que temos a razão como guia para a ciência moral.

Os cétricos não podem destruir o princípio e o fundamento dos modos que está gravado em seus entendimentos, a saber, que não se deve fazer ao

outro o que não queremos que nos seja feito e que é preciso amar o bem e evitar o mal, não importando se as diversas nações e diversas pessoas tenham leis, usos e costumes diferentes, pois elas são permitidas, desde que não se oponham à razão reta nem à vontade de Deus, a qual deve ser a regra soberana de todas as nossas ações e de todos os nossos pensamentos (1625, p. 155-6).

Mas Gassendi teria ainda outro recurso. Pois ainda que tenhamos acesso à regra soberana das ações e ao raciocínio completamente são⁶, existem muitos homens com natureza e temperamento mental bem diferente dos que julgam fazer bom uso do raciocínio. Tais são os alienados e pessoas de disposições físicas consideradas defeituosas pela maior parte da humanidade, pois, embora sejam minoria, não significa que percebam de modo menos verídico que a maioria, desde que existem pessoas com deficiência visual que, em certas ocasiões, vêem coisas mais nitidamente do que aquelas que são tidas como normais⁷ (1959, p. 460). Ora, não podem essas pessoas perceber muitas coisas que a maioria não percebe?

Contra a objeção de frenéticos que imaginam sentir dores, ver fantasmas e coisas semelhantes, Mersenne responde que é falta de juízo (*manque de jugement*) apresentar a opinião dos que nos levam a desacreditar na verdade, pois quando o espírito está livre de obscuridades e reflete sobre os sonhos e fantasmas da imaginação pode julgar o quanto eles não são verdadeiros (1625, p. 145). Além disso, o que nos importa se a imaginação dos cegos e surdos for diferente da nossa, uma vez que não podem discernir cores e sons? Isso não significa que nossos órgãos não sejam apropriados para discernir os objetos exteriores. Pois, “mesmo que nós jamais tivéssemos visto o sol e a terra, ainda assim eles subsistiriam tais como são” (1625, p. 142).

Mersenne insiste, por meio do seu personagem cristão, na tese da falta de eficácia dos argumentos céticos. Mesmo que outras pessoas ou outros animais pensem e vejam de forma diferente da nossa, isso não

⁶ Gassendi faz essa concessão, embora ainda note que os médicos dizem que ninguém é completamente saudável, ou seja, todos somos de certa forma doentes (1959, p. 464).

⁷ Gassendi menciona o caso de um amigo que tinha exoftalmia e conseguia ler melhor do que ele no escuro.

implica que não possamos conhecer algo e ter ciência. Mas não somente o filósofo cristão sustenta isso, como observou Joly. No capítulo IV de *La vérité*, o alquimista mostra ao cético que, embora alguns achem o mel doce e outros, amargo, e os bichos considerem bom o que julgamos ser mau, os objetos dos sentidos são reais e não imaginários (1625, p. 43). O alquimista, que seria o representante baconiano para Joly, acrescenta que a sua ciência experimental é invariável e, portanto, conhece as coisas passageiras de modo infalível (1625, p. 47). Essa afirmação não poderia ter a aprovação do filósofo cristão, que reprova o desígnio de Bacon no capítulo XVI, ao advertir que não podemos penetrar na natureza interna dos indivíduos e das coisas, já que nossos sentidos captam apenas a imagem externa dos fenômenos⁸ (1625, p. 212).

As respostas oferecidas pelo filósofo cristão às objeções do cético também não contrariam esta atitude modesta de Mersenne. Suas réplicas não parecem ter a finalidade de tirar completamente o cético de cena⁹, mas apenas indicar que podemos conhecer alguma verdade e que o conhecimento superficial do mundo exterior não impede que possamos desenvolver alguma ciência. Podemos fazer suposições como Ptolomeu e Copérnico, diz ele, e adotar milhares de concepções dos fenômenos observando as ações da natureza (1625, p. 213).

As respostas acima recomendam ao cético utilizar regras e instrumentos para avaliar o real formato da torre distante e do remo na água e a aplicar as regras soberanas da razão para corrigir possíveis enganos da imaginação dos sonhadores e dos sentidos, não importando se cegos, surdos, outros animais ou mesmo outras nações percebam as coisas de outra maneira. Todas as objeções céticas, portanto, apenas dão ocasião a Mersenne de mostrar que sabemos alguma coisa. Quando percebemos a figura em um quadro, sabemos que o tatear é relativo ao tato e o enxergar aos olhos; sabemos que o vinho só faz bem quando tomado moderadamente e que o ser humano está sujeito a variações de temperamento; sabemos que

⁸ Mersenne, contudo, mostra que é preciso confiar, antes de mais nada, na experiência sensível, afirmando que os sentidos são “correios ou mensageiros” da razão (1625, p. 222).

⁹ Joly observa muito pertinentemente que, enquanto o alquimista deixa o diálogo no fim do livro I, o cético acompanha o filósofo cristão até o quarto e último livro.

as mesmas coisas aparecem da mesma forma aos seres de constituição semelhante; sabemos, enfim, que nossos órgãos são apropriados para discernir os objetos exteriores.

Gassendi, embora tenha concluído nas *Dissertations* que “procurar a verdade não é nada mais do que perseguir pássaros voando” (1959, p. 502), no *Syntagma* argumenta de forma semelhante a Mersenne em alguns tópicos contra o cético. Quando se ocupa da questão sobre as diferentes percepções que temos do mesmo objeto em momentos distintos em razão da sua distância ou do meio em que se encontra, chama a atenção para se levar em consideração o efeito da luz que atua sobre nós e os objetos simultaneamente. A torre parece grande de perto e pequena de longe para nós porque quanto mais raios alcançam os nossos olhos, mais partes do objeto são descritas¹⁰. Da mesma forma, quando vista de perto, a torre aparece com o cume quadrado porque os raios que vêm das superfícies próximas são numerosos e fazem os olhos perceberem suas diferenças nos intervalos e parece redondo à distância porque retratam as partes que são separadas como se os seus intervalos fossem suprimidos (1972, p. 343-4).

Gassendi, seguindo Sexto Empírico, faz a distinção entre verdades manifestas e ocultas. As do primeiro tipo são aquelas que são conhecidas por si, como “é dia”, “o fogo é quente” e todas as aparências externas que se impõem automaticamente aos nossos olhos. Ora, se o pirrônico consente nas aparências e se o acadêmico aceita o probabilismo, não podem negar que usam algum critério para conhecer o mundo exterior, isto é, os sentidos (1972, p. 289-294). A confiança e o assentimento aos sentidos são a prova gassendiana contra o cético que afirma não ter nenhum critério para conhecer alguma coisa.

Gassendi conclui que, se aceitamos as aparências ou manifestações dos objetos externos sobre nós, há uma causa externa que produz tais aparições, de modo que algo possa ser conhecido. E se sabemos que o sol derrete a cera ao mesmo tempo que endurece o barro, sabemos que é o mesmo calor que produz esse efeito, embora haja diferentes disposições em

¹⁰ Gassendi era simpatizante da teoria atômica de Epicuro. Na física, explica que quando a luz passa por um prisma, ela é refletida na proporção do número de átomos que encontra no vidro (conforme nota de Craig Brush). Para o caso da torre, a mesma explicação pode ser dada.

cada corpo físico. Mas se temos o conhecimento de que a composição da cera e do barro são diferentes, mais uma vez podemos dizer que sabemos alguma coisa (1972, p. 341-3).

As verdades que Sexto Empírico chamou de ocultas são de três tipos: totalmente ocultas (como o conhecimento de que o número de estrelas é par ou ímpar), naturalmente ocultas (como o conhecimento de que há poros na pele porque sentimos o suor) e temporariamente ocultas (como o conhecimento de que há fogo porque vemos a fumaça). Enquanto os cétricos aceitam apenas a utilidade desta última espécie de verdade para a conduta da vida por meio de sinais empíricos, Gassendi preocupou-se principalmente com as verdades naturalmente ocultas, utilizando como recurso os sinais indicativos de Sexto. Estes sinais nos indicam que um objeto não poderia existir sem que a coisa não observada exista. Assim o suor indica a existência de poros na pele, a ação vital indica a existência da alma e o movimento indica a existência do vácuo, de acordo com Epicuro (1972, p. 290, 332).

Enquanto o cétrico moderno afirma não possuir nenhum critério para o conhecimento do mundo exterior, Gassendi encontra dois: os sentidos, pelos quais percebemos os sinais indicativos e empíricos e a mente ou razão, pela qual julgamos que há coisas inobserváveis na natureza. A mente raciocina que o suor é um corpo e precisa passar de um lugar para o outro. Como não pode passar pelo espaço em que se encontra a pele, pois dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço, é evidente que passa por pequenos buracos da pele (1972, p. 333-4). Nos casos da existência da alma e do vácuo, bem como da existência de Deus e do movimento da Terra, a mente deve percorrer o mesmo caminho, partindo dos sinais que são perceptíveis até aqueles que os sentidos não percebem.

A mente tem um papel muito importante contra o ceticismo no *Syntagma*. Ela é responsável por corrigir os erros dos sentidos e investigar as diferentes aparências produzidas pelos objetos antes de se pronunciar sobre qualquer coisa (1972, p. 345). Entretanto, os sentidos frequentemente fazem correções ao raciocínio. Gassendi lembra que os antigos julgavam não existir antípodas, pois, de acordo com a razão, não poderiam permanecer fixos na parte de baixo do globo terrestre. Contudo, graças às grandes

descobertas de seu tempo, esta velha opinião pôde ser corrigida (1972, p. 373).

Os dois critérios de Gassendi, baseados na percepção e no raciocínio, chamados de duplo critério por Darmon¹¹, não podem avançar na investigação sem ajudar um ao outro, pois se corrigem mutuamente. E, embora ele não tenha desenvolvido esta questão na juventude, argumenta, como Mersenne, que se levarmos em conta as considerações do meio, fazendo bom uso do raciocínio, não há desafio cético deste tipo com que nos preocupar. Mersenne lembra que a razão deve examinar todas as circunstâncias e condições de um objeto antes de lançar qualquer juízo. No caso da torre, o entendimento não julga conforme a informação recebida, mas comanda o olho a se aproximar dela e a mão a tomar o compasso e a régua para fazer as medições necessárias e avaliar o seu real formato (1625, p. 193).

Hume, da mesma forma, pretende derrotar estes tipos de argumentos fazendo uso adequado do raciocínio. Contra objeções que pretendem destruir a credibilidade das aparências dos objetos que se apresentam de forma diferente a nós a uma certa distância e da aparente distorção do remo mergulhado na água, ele julga ser possível corrigir os erros pela razão e considerações do meio para que se tornem critérios apropriados de verdade e falsidade (EHU, 12, 6). E, embora demonstre que somos levados por uma espécie de instinto – e não pela razão – a crer na existência do mundo exterior e a agir em nossas condutas diárias, reconhece que a razão tem autoridade suficiente para resolver problemas superficiais como esses apresentados pelos sentidos ou sugeridos pela imaginação. Pois “nada é mais perigoso à razão do que os vôos da imaginação, e nada tem dado mais ocasião aos erros dos filósofos” (T, 1.4.7.6).

Entretanto, na introdução do seu “Tratado”, Hume entende que o máximo que devemos esperar de nossas próprias faculdades é atingir os limites da razão, isto é, devemos nos satisfazer em descrever e explicar os dados fornecidos pela experiência, sem nos aventurar a indicar qualquer razão ou princípio para as suas causas mais gerais (T, Introdução, p. xviii). Se tivermos em nossas investigações a finalidade de conhecer esse princípio

¹¹ No artigo “Sortir du scepticisme: Gassendi et les signes” (Moreau, 2001, p. 222-38).

final que dá sustentação aos objetos externos, corremos o risco de nos contradizer ou dizer coisas sem sentido (T, 1.4.7.5), desde que nossos sentidos são apropriados para nos representar apenas a imagem dos objetos exteriores.

Por outro lado, Hume não questiona o fato de que esses objetos externos apareçam e se imponham a nós com tanta eficácia e autoridade de modo que seria impossível sustentar a opinião de que não existam. A natureza é um princípio mais forte do que nossos raciocínios, e não deixou à escolha do cético questionar a existência da realidade (T, 1.4.2.1). Graças a isso, é possível fazer com que nossa ciência avance, a exemplo de Bacon, “que colocou a ciência do homem em um novo patamar, chamando a atenção e excitando a curiosidade do público” (T, Introdução, p. xvii).

Por isso, objeções céticas destinadas a provar que somos incapazes de conhecer algo, devido a opiniões contraditórias em diversas nações, que se arriscam a fundamentar um modo e conduta ideal de vida e que digam respeito às nossas diversidades de juízo conforme o estado atual em que nos encontramos, podem ser derrotadas se admitirmos claramente que somos dotados de uma espécie de instinto natural, que nos impede de duvidar dos sentidos. “A grande subversora do pirronismo ou dos princípios excessivos do ceticismo é a ação, o emprego e as ocupações da vida comum”. A mesma crítica é aplicada ao cético que duvida do uso e funcionamento da razão: “pode parecer uma tentativa muito extravagante dos cétricos de destruir a razão pelo argumento e raciocínio; todavia, esta é a grande finalidade de todas as suas investigações e disputas” (EHU, 12, 17).

Baseado em críticas semelhantes, Mersenne declara não se contentar com a opinião “ridícula e extravagante” dos pirrônicos (1625, p. 143). Embora não apele para algum instinto do ser humano, ele observa que os homens concordam com muitas coisas, como “o fogo é quente” e “a neve é fria” e sabemos que ninguém chama dia à noite nem duvida que a Terra é maior que um grão de areia (1625, p. 139-140). Também não há cético que duvide que exista algo no mundo, quando o tocamos e o vemos (1625, p. 53-4).

Gassendi também afirma que ninguém duvidaria, ao ver o nascer do sol, que ele brilha no horizonte. E ainda que Górgias¹² objete que as coisas que temos na mente não sejam reais, pensamos sobre muitos fatos e objetos que não são quimeras, pois se nada existisse, não ocorreria a Górgias afirmar que nada existe, e se ele não fosse nada, também não poderia pensar sobre essas questões. Alguém ainda poderia pensar que o nada se refere à existência física e, portanto, não poderia se queixar se uma pessoa o esmagasse ou matasse, já que essa pessoa não estaria matando nada (1972, p. 328-9).

Este tipo de resposta, que parece mais uma afronta ao cético, pois tenta demonstrar que o indivíduo não poderia agir enquanto duvida, está presente em Mersenne, que zomba dos que duvidam que o fogo é quente, pois acabarão se queimando (1625, p. 192). Molière, o ex-aluno de Gassendi, também submete o cético a este tipo de escárnio e sátira no “Casamento forçado” (*Le Mariage Forcé*), quando Sganarelle usa a bengala para golpear o pirrônico Marphurius, afirmando que o cético não poderia nem mesmo estar certo de estar apanhando ou de sentir dor. Para evitar o contratempo, Hume poupa o cético que sustenta tal opinião apenas verbalmente, mas nunca sinceramente (T, 1.4.2.50). Pois, sempre que eles deixam seus gabinetes, misturam-se ao resto da humanidade, e passam a pensar, refletir e tomar decisões como qualquer outro ser humano (T, 1.4.2.53). E mesmo que o cético possa momentaneamente perder-se em raciocínios abstrusos, o primeiro acontecimento da vida o deixará igual aos demais mortais, determinado a agir, raciocinar e crer, tendo que encarar suas dúvidas anteriores como nada mais que simples passatempo (EHU, 12, 23). De forma semelhante, Mersenne diz que todos os discursos dos pirrônicos não são mais que chicanas e paralogismos, aos quais eles não se distraem por tanto tempo (1625, p. 153).

A maior prova de Hume contra a eficácia dos argumentos céticos é que, para termos noção da existência do mundo exterior não precisamos da razão refinada que nada interfere na nossa crença nos objetos exteriores. Se este fosse o caso, nem crianças, nem camponeses, nem cidadãos iletrados

¹² Entre os filósofos que não aceitam nenhum critério para se obter ciência, Gassendi, seguindo Diógenes Laércio, acrescentou Górgias, Empédocles, Demócrito e outros, além dos céticos.

poderiam confiar totalmente em tal evidência (T, 1.4.2.14). “Mesmo a criação animal se acha governada por opinião semelhante, e preserva esta crença nos objetos exteriores em todos os seus pensamentos, desígnios e ações”, completa ele na *Investigação* (EHU, 12, 7).

Gassendi também demonstra, contra a dialética aristotélica, que há uma clarividência natural na própria natureza que não impede crianças, pessoas incultas ou contrárias à dialética, de discernir se uma coisa é ou não consequência de outra (1959, p. 254). Por isso o autor sempre atacou a lógica artificial, a lógica criada pelas escolas, e não a natural, que ele entende como sendo a própria razão.

A razão natural, dada por Deus, quando bem utilizada, pode nos oferecer alguns indícios de verdade, conclui também Mersenne. Embora tenhamos um conhecimento ínfimo, tanto das coisas divinas quanto terrenas, a nossa luz universal pode nos conceder algumas certezas evidentes em si, como no caso da matemática e da geometria. Essa luz, aperfeiçoada pelo estudo e meditação, só poderá ser completada quando nos unirmos à luz sobrenatural da glória eterna (1625, p. 193-4). Assim como Mersenne, Gassendi não julga razoável duvidar das inferências da geometria. O cético no máximo questiona se esse conhecimento abstrato existe na realidade¹³ (1972, p. 340), e Hume diz que as relações entre as ideias, isto é, proposições matemáticas e geométricas são descobertas pela simples operação do pensamento, independentemente de existirem ou não na natureza (EHU, 4, 1).

A confiança de Hume no conhecimento claro e manifesto das operações simples da matemática, bem como na evidência do que aparece aos sentidos não nos permite considerá-lo cético de natureza pirrônica. Pois enquanto o pirrônico não ousa afirmar dogmaticamente que o que lhe

¹³ Uma de suas críticas aos universais de Aristóteles tem por base o fato de que só vemos coisas singulares. Os universais não são nada mais que representações vinculadas a um nome, sem qualquer correspondência externa (1959, p. 280). Se houvesse alguma proposição universal, teria que ser conhecida por indução. Mas é impossível percorrer e enumerar todos os casos particulares, que podem ser infinitos (1959, p. 414 e 488). Esse paradoxo preocupou Hume, que considerou essa uma das mais valiosas descobertas recentes, e a atribuiu a Berkeley, que escreveu sobre o tema quase cem anos após Gassendi (T, 1.1.7.1).

aparece é verdadeiro¹⁴, Hume não considera tarefa útil para a filosofia perguntar se há ou não corpos fora de nós (T, 1.4.2.1). Gassendi, mesmo nas *Dissertations*¹⁵ (1959, p. 436, 498, 504) acredita na construção da ciência sobre as aparências externas dos fenômenos e na probabilidade. A questão que o incomoda diz respeito apenas à natureza das coisas. No *Syntagma*, considera uma bênção se, não podendo entrar nos “santuários internos da natureza”, puder ter acesso ao menos aos “altares externos” (1972, p. 327).

O filósofo cristão de Mersenne admite que conhecemos poucas coisas, ou seja, apenas os seus efeitos, mas esse conhecimento pode servir de guia para as nossas ações (1625, p. 13-5). Isso demonstra que o filósofo não estaria se referindo à natureza secreta das coisas e acrescenta, na mesma parte, que não é necessário conhecer todas as essências do objeto em questão para saber algo, embora isso seja necessário para saber perfeitamente, tal como Deus sabe. Por essa razão, Popkin o considera cético epistemológico e inovador de uma ciência verificável e útil, longe das preocupações metafísicas. O próprio conhecimento matemático, embora certo e evidente enquanto entidade abstrata, é insuficiente para estender o caráter de verdade às entidades materiais, como observa Joly. Seu conhecimento, contudo, é útil e benéfico para as ciências.

Este procedimento é típico do ceticismo “atenuado” ou “mitigado”, na concepção de Hume. As dúvidas resultantes dele são corrigidas em parte pela reflexão e experiência, o que o torna modesto em suas conclusões, útil para o desenvolvimento do saber e limitado aos assuntos que se adaptam ao entendimento humano, evitando o que é remoto e extraordinário (EHU, 12, 25). Embora as causas últimas da natureza e as provas racionais com relação à existência do mundo exterior estejam fora do nosso alcance, determinados tipos de dúvida cética (que Hume chamou de “triviais” no início da seção 12 da *Investigação*) podem ser afastadas da pesquisa filosófica, se para isso utilizarmos com justeza o raciocínio e critérios adequados de análise e observação, diria Hume concordando com

¹⁴ Ver cap. VII, “Does the Sceptic Dogmatize?”, do livro I de *Outlines of Pyrrhonism* de Sexto Empírico.

¹⁵ De acordo com Rochot, a passagem em que o autor não responde à contra-argumentação de que a origem e a causa da diversidade dos juízos não é diversa, prova a ausência de ceticismo absoluto nessa obra (1959, p. 451).

Mersenne. Neste sentido, o seu ceticismo pode ser considerado moderado¹⁶. O mesmo modo de pensar agradou a Gassendi, que decidiu tomar o caminho médio (*via media*) entre os céticos e dogmáticos, pois enquanto os primeiros pensam que nenhum critério pode ser aceito na investigação, os decorrentes deles não podem apresentar um critério apropriado para determinar tudo o que existe na natureza (1972, p. 326).

Referências

- EMPIRICUS, Sextus. *Outlines of Pyrrhonism*. Cambridge: The Loeb Cassical, 1976. V. 1.
- GASSENDI, Pierre. *Dissertations en forme de paradoxes contre les aristotéliens*. Paris: J Vrin, 1959.
- _____. *The selected works of Pierre Gassendi*. New York: Johnson Reprint Corp., 1972. Edited and translated by Craig B. Brush.
- HUME, David. *An Enquiry concerning Human Understanding*. (EHU) T. L. Beauchamp (Ed.), Oxford: Oxford University Press, 1999.
- _____. *A Treatise of Human Nature* (T). Norton, David Fate e Mary J. Norton (Org.): Oxford: Oxford Philosophical Press, 2000.
- MERSENNE, Marin. *La vérité des sciences contre les septiques ou Pyrrhoniens*. Paris: Toussaint du Bray, 1625.
- MOREAU, Pierre-François (Org.). *Le scepticisme au XVIe et au XVIIe siècle*. Paris: A. Michel, 2001.
- POPKIN, Richard. *A História do Ceticismo de Erasmo a Espinosa*. Tradução de Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

¹⁶ Existem muitas concepções acerca do ceticismo de Hume. Alguns comentadores o consideram um cético moderado, tomando como ponto de partida o testemunho do próprio autor na *Investigação*, outros o consideram um cético radical, apesar dos seus constantes protestos com relação a esta denominação. Há ainda outras saídas, como a de retratá-lo como um naturalista, em vez de cético ou adepto a vários tipos de ceticismo. O presente artigo não teve o propósito de discutir tais leituras, pois, como indicamos, pretendíamos apenas comparar o ceticismo e as respostas ao cético fornecidas por Hume com as concepções e críticas de Gassendi e Mersenne, colaborando, assim, para o estudo do ceticismo moderado na modernidade. Para uma comparação do ceticismo moderado de Hume com o de Huet e Foucher consultar nosso artigo publicado na revista *Cadernos Espinosanos* (Cf. Zimmermann, Flávio M. de “O. Sobre o ceticismo acadêmico de Huet, Foucher e Hume”, In: *Cadernos Espinosanos*, n. XVIII. São Paulo: Departamento de Filosofia da FFLCH/USP, 2008, p. 71-88).